

O LÉXICO DO PORTUGUÊS: PERSPECTIVAÇÃO GERAL*

Mário Vilela**

RESUMO: O trabalho apresenta um panorama do léxico português, abordando diferentes questões pertinentes à análise lexical: relações entre léxico e gramática; variedades do léxico português (língua comum, línguas técnicas, neologismos); composição do léxico português (fundo latino, empréstimos greco-latinos; empréstimos de outras línguas).

Palavras-chave: léxico, língua portuguesa, formação de palavras, empréstimo.

O léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralingüística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si. Tanto na perspectiva da cognição-representação como na perspectiva comunicativa, trata-se sempre da codificação de um saber partilhado (= shared knowledge).

Distinguimos *vocabulário* e *léxico*: o vocabulário é uma subdivisão do léxico, como, por exemplo, o léxico de um autor, o léxico de um texto, o léxico de uma escola, de uma área do saber, etc.

Ao distinguir-se vocabulário e léxico, não se trata tanto de uma diferenciação entre "parte" e "todo", pois:

- ♦ o léxico é o conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua; o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo, tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística;

* Texto correspondente a conferência ministrada no dia 24/10/94 na Universidade de São Paulo.

** Universidade do Porto.

- ♦ o léxico é o geral, o social e o essencial; o vocabulário é o particular, o individual e o acessório.

Há ainda uma outra perspectiva, a de “coleção de unidades”, em que o *vocabulário* se opõe a *dicionário* e *glossário*: o dicionário é a recolha ordenada dos vocábulos duma língua, o vocabulário é a recolha de um sector determinado duma língua e o glossário é o vocabulário difícil de um autor, de uma escola ou de uma época.

Ocorrem ainda outras indagações como *vocábulo*, *termo*, *lexema* e *palavra*, ou *lexicologia* e *lexicografia*. Neste conjunto, vocábulo (ou “forma de palavra”) é a palavra que ocorre na frase, o termo é a palavra própria duma disciplina e a palavra ou o lexema é a palavra que aparece como entrada do dicionário. A lexicologia é o estudo científico do léxico e a lexicografia é a técnica de elaboração de dicionários.

Estas distinções não são tão simples como as definições propostas podem deixar transparecer. Assim, será muito difícil definir os limites da lexicologia relativamente a outras disciplinas, como a estilística, lingüística de texto, pragmática, sociolingüística, etc. Por outro lado, deixamos a flutuar noções como “palavra semântica”, “família de palavras”, etc.

Não vou passar ao levantamento dos problemas concretos do léxico sem antes deixar de pé algumas perguntas, às quais vou tentar responder, tais como:

- ♦ qual é a verdadeira extensão do léxico?
- ♦ quantas palavras e quantos morfemas estão contidos no léxico?
- ♦ o léxico é algo móvel e fluido, ou é algo fixo e fixado?
- ♦ quais são os processos de formação e renovação do léxico?
- ♦ quais os limites do léxico e quais as disciplinas que têm fronteira com o léxico?

1. LÉXICO E GRAMÁTICA

Uma das disciplinas lingüísticas que mais confina com o léxico é a da gramática. A delimitação tradicional entre estas duas disciplinas é que o *léxico* constitui um sistema aberto, mais ou menos imprevisível e quase infinito, e a *gramática* forma um sistema fechado: as estruturas

fonológicas, morfológicas (morfemas, artigos, conjunções, preposições, pronomes, sufixos, desinências nominais/verbais), estruturas sintácticas (como modelo de construção) fazem parte de um conjunto finito.

Mas os limites léxico-gramática, mesmo a nível de inventariação de unidades, são desde logo postos em causa por fenómenos que designamos por lexicalização de elementos gramaticais, gramaticalização de elementos lexicais: o que acontece sobretudo no plano diacrónico. Há *lexicalização* de elementos gramaticais em (*estar*) *de permeio atempadamente* (=tempo e horas), *inconclusivo* (= isto não é conclusivo), *malapata*, *boamente*, e a verbalização de nomes (normalmente, nomes deverbais) por meio de verbos de valor genérico, designados em lingüística como verbos “suporte”, como, por exemplo, *fazer* (fazer uso de = usar, fazer alarde de = alardear, fazer perguntas = perguntar, etc.), *ter* (ter em consideração = considerar, ter em mente, etc.), *pôr* (pôr a questão = questionar, pôr entaves a = entavar, etc.). Há *gramaticalização* de elementos lexicais, como por exemplo, *mediante* (‘que medeia’, antigo particípio de mediar: mediante o amigo, o amigo mediante), excepto (particípio do verbo latino excipere), durante (‘que dura’, mente (duramente), e, como vimos, a deslexicalização ou gramaticalização de verbos plenos como *ter*, *ser*, *fazer*, *pôr*, *dar* (dar para a rua, dar no vinte), etc.

Por outro lado, há muitos fatos lingüísticos que se encontram entre as duas disciplinas, como, por exemplo, onde tratar e colocar casos do gênero de: *modo* e *moda*, *folho* e *folha*, *lenho* e *lenha*, *covo* e *cova*, *limo* e *lima*, *o rádio* (‘elemento’) e *a rádio* (‘aparelho’), *o capital* (o ‘metal sonante’ que nos dá o pão de cada dia) e *a capital* (que tanto ‘capital’ custa ao país), *o fruto* e *a fruta*, *o gesto* e *a gesta*, *o dito* e *a dita*, *o osso* e *a ossa* (Serra d’Ossa), ou ainda *boi* e *vaca*, *rei* e *rainha*, *pai* e *mãe*, etc.

Outras disciplinas, como a estilística e a lingüística de texto – a importância dos chamados “nomes genéricos” (ou anafóricos) na construção do texto –, a sociolingüística, a dialectologia, a pragmática, etc., intrometem-se na área da lexicologia e laboram com o léxico.

2. VARIEDADES DO LÉXICO

Como é evidente, o léxico de uma língua, sem ser uma manta de retalhos, não é um todo homogêneo, constitui o que costumamos designar por diáistema: as palavras de todos os dias convivem com as palavras dos especialistas, as palavras da língua falada (ou estilo coloquial) com as palavras da língua escrita (ou estilo reflectido), as palavras "velhas", ainda de uso corrente, coabitam com arcaísmos e neologismos, etc.

Vejamos, por exemplo, os *arcaísmos* em que podem coexistir actualmente arcaísmos gráficos (*Queiroz, Villela*), fonéticos (oiro, toiro: na arena, o pegador apenas usará "toiro" para citar o "touro"), morfológicos (soides, estaides, estejaides), sintácticos (isto é um ver se te avias, isto é a fim do mundo), lexicais (escaleira, ceia, parlatório e parlamento), etc.

Há também o chamado "jargão" das variedades funcionais-contextuais: línguas sectoriais de especialidade, como a linguagem do desporto, da publicidade, da informática, dos "media", etc. Há variedades geográficas e variedades sociais.

2.1 Intercâmbio entre a língua comum e as demais variedades

Não há um limite fixo e claro entre as variedades de língua dentro de uma mesma língua. Se existem especializações, como em *mudar, trocar* e *cambiar*, em que há uma delimitação de áreas: *mudar* situa-se mais no "mundo físico" (mudar de roupa, mudar de campo, mudar de banco, onde depositamos o dinheiro), *trocar* é o termo mais genérico (no português do Brasil, diz-se trocar de roupa) e *cambiar* é "trocar" no domínio bancário/ monetário; mas estas especializações e diferenciações podem não ser, contudo, um fenómeno generalizado: a palavra *campo* distribui-se por campo magnético, campo de força, campo visual, campo gravitacional, campo de futebol, campo de jogos, etc., *navegar* usa-se na faina marítima, na aviação, em informática, ou *base, centro*, têm aplicação em várias áreas e domínios e os exemplos poderiam multiplicar-se.

Atendemos nas chamadas "línguas técnicas" para analisarmos algumas das linhas de força que marcam e conformam a constituição do léxico. Há especialidades com pontos de partida mais ou menos bem definidos. Assim, a "física nuclear", a "informática", etc., tomam como ponto de partida as designações do inglês, a medicina o modelo greco-latino, etc. Mas se há processos que podemos designar como tradicionais, tais como:

- ♦ o modelo greco-latino, em que intervêm apenas elementos gregos como em *anemodinamómetro* (= anemo: 'vento' + dynamo: 'força' + metro: 'medida'), ou elementos gregos e latinos, como em *espectroscópio, altímetro* e *aeronave*;
- ♦ os modelos (mais ou menos) híbridos, em que intervêm o grego e uma língua moderna, como em *burocracia, filmoteca* e *mediateca*.

Mas a constituição do léxico não se liga apenas a palavras mais ou menos integrais (palavras ou afixóides), pois existem processos que envolvem especialização de afixos, como *-ite* (especializado para designar 'inflamação aguda': artrite, dermatite, nevrite), *-ose* (para designar 'infecção crónica': artrose, dermatose, cirrose, *-oma* (para designar 'tumor': carcinoma, fibroma, glaucoma).

A adopção deste ou daquele processo na constituição de unidades do léxico obedece a condicionamentos económicos, culturais e históricos.

Se tomarmos como paradigma o léxico das chamadas "línguas técnicas", podemos concluir que também aqui ocorre o fenómeno geral de "economia dos sinais": a recuperação de palavras já antigas e que "navegam" de uma especialidade para outra, como acontece com *astronauta, navegar, navegação, navegador, piloto, pilotar, nave espacial, equipagem, cruzeiro, cabina, jornal de bordo, base aérea, base naval, base aeroespacial, sonda espacial, abordar, abordagem*. Estes termos percorrem a marinha, a aviação, a informática, etc., e, evidentemente, a língua comum.

2.2 Exemplificação com o domínio das variedades sociais

As variedades sociais compreendem factores como a "idade", o "sexo", a "proveniência", a "classe social", o "nível de instrução", etc. Tomemos, a título de exemplo, o factor "idade", e mais propriamente na faixa da população mais criativa, a "geração mais jovem" da nossa comunidade linguística. Encontramos uma longa lista de termos e expressões dada como representativa dessa linguagem:

- ♦ *afiambrar-se* à pessoa/coisa: estar a afiambrar-se à colega: 'tirar partido de',
- ♦ *alinhar*: 'concordar com',
- ♦ *altamente*: 'muito', 'espectacular',
- ♦ *atinar* com algo: 'gostar de': atinei com o filme,
- ♦ *axandar*: 'acalmar forçadamente': ou axandras ou apanhas!,
- ♦ *bacano*: '(pessoa ou coisa) em quem/que se pode confiar',
- ♦ *dar bandeira*: 'dar nas vistas involuntariamente',
- ♦ *apanhar banhada*: 'fazer mal negócio', 'cair no logro',
- ♦ *bazar/vazar*: 'fugir apressadamente',
- ♦ *beca*: 'bocado',
- ♦ *beto/betinho*: 'bem comportadinho', 'de boas famílias',
- ♦ *bezana*: 'bebedeira',
- ♦ *boa e boazona*,
- ♦ (*mandar*) *boca*: 'comentar em voz alta',
- ♦ *bué e buereré*: 'muito' e 'muitíssimo',
- ♦ *butes*: '—Vamos!'
- ♦ *cagativo*: 'irrelevante',
- ♦ *caldeirada*: 'confusão', 'pancadaria generalizada',
- ♦ *campeão*: 'pessoa convencida',
- ♦ *careta*: 'retrógrado, conservador',
- ♦ *carola*: 'pessoa esperta',
- ♦ *cena*: 'situação',
- ♦ *chagar*: 'chatear',
- ♦ *chárro*: 'droga fumada',
- ♦ *chaval/chavalo/chavalito*: 'rapaz',

- ♦ *chibo*: 'polícia', 'delator'
- ♦ *chunga/chungaria/chungoso*: 'de aspecto reles', 'sujo',
- ♦ *cola*: 'importuno',
- ♦ *cortar-se*: 'desistir',
- ♦ *cota*: 'velho', 'pai',
- ♦ *crâneo*: 'carola',
- ♦ *curtir*: 'desfrutar algo', 'ter uma relação amorosa passageira',
- ♦ *desatino/desatinar*: 'falta de colaboração/não colaborar',
- ♦ *desbunda/desbundar*: '[fazer] grande festa (fora das normas sociais)',
- ♦ *esquema*: 'quadro pouco claro',
- ♦ *espectáculo/espectacular*,
- ♦ *farsola*: 'piroso', 'mau' (cena farsola),
- ♦ *febra*: 'mulher (sexualmente) atraente',
- ♦ (*ter*) *fezada* (em): 'convicção firme',
- ♦ *fixe*,
- ♦ *flipar*: 'ficar fora de controle', 'cair para o lado',
- ♦ *foleiro*,
- ♦ *fonix/fenix*: 'foda-se', ou expressão de espanto,
- ♦ (*dar de*) *frosque(s)*: 'fugir',
- ♦ *fumos*: 'charro',
- ♦ *galar*: 'olhar para alguém com apetite',
- ♦ *gandi*: 'vândalo', 'marginal',
- ♦ *ganzado*: 'drogado',
- ♦ *garina/garino*: 'rapariga, rapaz',
- ♦ (*estar a*) *grizar-se*: 'ter um comportamento anormal', 'implicar',
- ♦ (*ir no*) *grupo*: 'ser enganado',
- ♦ (*dar o*) *grupo/engrupir*: 'enganar', 'rombar',
- ♦ *jam-session*: 'desbunda',
- ♦ *man*: 'meu', 'macho latino',
- ♦ *marrar*: 'estudar ou implicar',
- ♦ *máximo*: 'muito bom (ser o máximo)',
- ♦ *melga*: 'chato', 'cola',
- ♦ *menino*: 'inocente', 'medroso',
- ♦ *meu*: 'camarada', 'companheiro',
- ♦ *mocada*: 'cena de pancadaria',

- ♦ *morder*: 'afiambrar', 'perceber (morder o esquema = apanhar a marosca)',
- ♦ *mula*: 'prostituta',
- ♦ *naice*: 'bom',
- ♦ *népia*: 'nada',
- ♦ *néribi*: 'népia',
- ♦ *nestes*: 'népia',
- ♦ *nestum*: 'népia',
- ♦ *nóia*: (diminutivo de) 'paranóia',
- ♦ *nóiante*: 'que causa problemas/confusão',
- ♦ *(estar na) onda*: 'estar em sintonia',
- ♦ *(ir na) onda*: 'deixar-se levar',
- ♦ *orientar*: 'arranjar', 'conseguir' — orienta-me aí uns trocos!
- ♦ *otário*: 'desprevenido', 'inocente',
- ♦ *papel*: 'dinheiro',
- ♦ *pão*: 'homem atraente [br.: gatão]',
- ♦ *papar*: 'aproveitar-se sexualmente de', 'enganar',
- ♦ *papalvo*: 'otário',
- ♦ *paranóia*: 'algo complicado',
- ♦ *(estar/ser) passado*: 'maluco', 'extravagante',
- ♦ *passar-se*: 'estar passado', 'entrar para a qualidade de (...)',
- ♦ *(dar corda aos) patins*: 'fugir',
- ♦ *(ir de) patins*: 'ser despedido',
- ♦ *pintas*: 'man', 'macho latino',
- ♦ *(ser) podre (de + adj.)*: 'muito', 'muitíssimo',
- ♦ *puto*: 'miúdo',
- ♦ *(não entender) putu (de + nome)*: 'nada': não entendi putu da situação,
- ♦ *queca*: 'cópula',
- ♦ *queque*: 'beto', 'betinho',
- ♦ *(marca) roskoff*: 'rasca',
- ♦ *refundido*: 'escondido', 'desconhecido', 'ilegal',
- ♦ *seca*: 'muito tempo de espera', 'chato': ele é uma seca,
- ♦ *tanga*: 'mentira', 'logro',
- ♦ *topar*: 'ver', 'conhecer',
- ♦ *tosco*: 'imbecil', 'incapaz',
- ♦ *tripar*: 'entrar em delírio',

- ♦ *vaípe*: 'impulso',
- ♦ *xotas*: 'polícias',
- ♦ *xonar*: 'dormir',
- ♦ *zarpar*: 'fugir, ir-se embora'.¹

Há aqui praticamente uma "amostra" de como funciona a constituição de uma "gíria" (ou linguagem específica de um grupo social ou etário); a criação metafórica (*afiambrar-se a pessoa/coisa, caldeirada, bazar/vazar, galar, apanhar banhada*, etc.), metonímica (*mocada, alinhar com pessoa, nestes e nestum*, etc.), sinédoque (*atinar com coisa, dar bandeira, butes, queca, papel*, etc), importação de palavras (*bué, buereré, chunga, chungoso, chungaria*: línguas africanas), recuperação de palavras e expressões antigas (*roskoff, carola, careta, marrar, melga, papalvo, otário*, etc.) e criação de palavras novas; há motivações muito díspares: *engrupir* (deixar-se levar pelo grupo, ser levado), *pão* (o tipo é um pão "algo que se pode/ deve comer"), *fónix/fénix* (proximidade de foder, focke e pénis).

2.3 Variedades sociais e "registos"

Não podemos confundir as "variedades sociais" de língua com os chamados "registos", que abrangem classificações como "áulico", "culto", "formal", ou "oficial", "médio", "coloquial", "informal", "popular" e "familiar". Chamamos "registos" às variedades do código que dependem da situação e que se realizam sem acrescentar qualquer coisa ao código, mas representam apenas escolhas entre as diversas possibilidades oferecidas pelo próprio código. Os registos consistem normalmente na escolha de uma possibilidade de realização entre as diversas possibilidades de pronúncia, de sintaxe e do próprio léxico. Por exemplo, para designarmos "golpe com a palma da mão", temos diferentes registos: *bofetada vs. lambada vs. bofetão vs. estalada vs. tabefe vs*

¹ Com algumas alterações, a seguinte lista foi tirada de Jorge Dias, *In: O Público*, 94.05.22.

bufete vs bife vs senapismo (e, possivelmente, há mais exemplares, como *tapa*, etc). É costume incluir “língua falada” e “língua escrita” entre os “registos”. Estas desenvolvem-se em situações e contextos diversos, e com pressupostos e características diversos. A *língua falada* produz-se num lugar e num tempo determinados e, por isso, imersa numa dada situação: as palavras acomodam-se à entoação, aos gestos, aos jogos fisionómicos; há possibilidade de auto-correcção, de modificação imediata do discurso, de adaptação ao interlocutor. Na *língua escrita* não há gestos, nem mímica, nem entoação e estes elementos terão que ser substituídos pela pontuação, pela grafia e, essencialmente, pelas palavras.

Nos “registos” desempenha uma função importante o que designamos por “papéis” assumidos pelos participantes nos actos comunicativos. Podemos definir *grosso modo* “papéis” como o conjunto dos direitos e deveres recíprocos que são reconhecidos implicitamente por todos os componentes de uma dada comunidade linguística e atribuídos a uma determinada função social. Estes “papéis” estão sempre presentes em todos os actos comunicativos e são exemplificáveis pelas relações “pai-filho”, “marido-mulher”, “amigo-amigo”, “desconhecido-desconhecido”, “patrão-empregado”, “médico-paciente”, etc. Os pronomes pessoais e as formas de tratamento em geral espelham esses “papéis” através de relações paritárias (tu, você, pá, meu, colega, etc.) e não paritárias (tu-senhor, tu-você- v^a excia, etc.). O léxico tem a ver com o problema dos “registos”.

2.4 Neologismos

Não podemos confundir “neologismos” com empréstimos e “estrangeirismos”. Há convergências entre os três conceitos, mas não necessariamente. O neologismo implica algo de novo que entra na língua e há neologismos de natureza muito diferenciada: temos neologismos que implicam alteração do clasema dos termos com os quais se possam combinar. Assim, o verbo *processar* – palavra do domínio jurídico –, sendo um verbo transitivo, admite como complemento directo

um nome designativo de “pessoa/instituição” (*A Câmara processou uma empresa por desvio de fundos públicos*), mas, por influência do inglês (*to process*) e aplicado à informática, equivale a “fazer processamento (de texto)”, em que, ou é usado intransitivamente, ou transitivamente, sendo o denotado do complemento algo designativo de “texto linguístico” (*Processar todos sabem, mas programar é que nem todos*).

Há neologismos puramente semânticos, implicando uma mudança total ou um acrescentamento de significado ao de uma forma existente. Por exemplo, em *orquestra*, que significava “escrever as partes dos vários instrumentos ou naipes que compõem a orquestra”, e, em *orquestrar uma campanha contra x, orquestrar uma ação política*, adquire um valor ligeiramente diferente, embora próximo do significado primário.

O neologismo pode abranger paradigmas inteiros de formação, como em - *izar*, - *ização*, - *izável*, - *izabilidade*, como *cota* → *cotizar* → *cotização*, *balcanizar*, *balcanização*, *balcanizável*, *balcanizabilidade*, etc., ou ainda consistir em simples processos de condensação num só elemento de um neologismo anterior, que se disponibiliza para a formação de outros neologismos: *totobola* - *totoloto*, *super-loto*, *automóvel*, *autopullman* e *auto-expresso*, *televisão* → *tele-escola*, ou ainda, envolver paradigmas mais complicados, como, em *terciário* (do fr. *tertiaire*), que ocorre no domínio da economia e só depois surgem *primário* e *secundário* (*produção primária* = agricultura, pastorícia, pesca; *secundária* = indústria manufactureira, mineral, mineira, energética e obras públicas e *terciária* = serviços) e, em seguida, completou-se o paradigma formativo (*terciarização da sociedade*, *terciarizar*, etc.). O neologismo pode ainda envolver mecanismos ainda mais complexos. Vejamos apenas as colocações – *inflação galopante*/ *taxa* ou *índice de inflação*, *espiral de inflação*, *espiral inflacionista*, *política anti-inflacionista*. A palavra *inflação* significava inicialmente apenas “aumento de moeda em circulação” e só depois passou a significar “efeito de tal fenómeno” ou mesmo “diminuição do poder de compra”. No entanto, o sentido primitivo de *inflação* era o do latim INFLATIO, -ONIS (*tumefacção*: medicina), que por influência do inglês (*inflation*, *inflationism*, *inflationary* e ant.: *deflation*) passou a ocupar nocionalmente uma das nossas fontes de preocupação: *a nossa querida inflaçãozinha*.

3. COMPOSIÇÃO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS

3.1 O latim no léxico do português

Há no léxico do português duas marcas essenciais: o fundo latino e as formações novas, apresentando estas últimas várias formas. O fundo latino, o herdado, o tradicional, o popular, o mais numeroso e mais freqüente, o fundamental, que, em princípio, se submete a todas as mutações previstas nas leis fonéticas, e o que apresenta uma sistematicidade mais evidente. Nas formações novas, há que distinguir ainda:

- ♦ os empréstimos greco-latinos, quer os que resultaram da latinização do português, quer os que provieram da componente técnico-científica, nos domínios que assumiram os modelos greco-latinos para a sua constituição;
- ♦ os empréstimos das línguas que o português foi encontrando ao longo do seu caminho histórico, quer como resultante do "encontro de culturas e de história", quer como resultante da necessidade de denominar novas realidades.

Para não nos perdermos em considerações históricas, vamos fixar-nos no vocabulário actual. No léxico actual, que nos veio do latim, temos de distinguir o léxico "herdado" do léxico "importado", o que se patenteia na comparação entre viço e vício, circo e círculo, soldo e sólido:

pop	viço	circo	soldo
latim	VITIUM {	CIRCULUM {	SOLIDUM {
latinismo	vício	círculo	sólido

pois, se a origem é, em ambos os casos, o latim, a época em que se verificou a integração é diferente. Houve latinismos, como já dissemos, em várias épocas: na Renascença/Humanismo, nos sécs. XVIII e XIX

e com várias mediações (fr., inglês., it., etc.). Eis apenas alguns exemplos desses latinismos:

ciência, consciência, sapiência, espécie, real, foamal, vivificar; república, exército, assembléia, etc.
arbusto, insecto, página, exonerar, etc.
argúcia, canoro, etc.
antena, célula, condomínio, sociedade, etc.
corola, centrípeto, centrífugo, etc.
colónia ("grupo de estrangeiros que habitam na cidade"), constitucional, sessão, etc.

3.2 Os empréstimos/estrangeirismos no léxico do português

3.2.1 Se a língua é um elemento aglutinador da sociedade e da comunidade – comunidade lingüística – é também um dos seus produtos mais genuínos. Sociedade e língua estão constantemente a intrometer-se uma com a outra, a marcarem-se sem se demarcar. A sociedade reflecte-se continuamente na língua que lhe serve de argamassa e vice-versa. Comparemos a língua da época da sociedade rural, com a época actual, a das tecnologias avançadas. A primeira, com os seus elementos sociais próprios, os seus meios de subsistência, reflecte-se nas metáforas que proporcionou: *estar de lança em riste, meter uma lança em África, arma de dois gumes* (vida militar), *trabalho beneditino, tocar a reunir* (vida religiosa), *andar de vento em popa, pescar em águas turvas* (pesca e vida marítima), *comer o pão que o diabo amassou, andar o carro à frente dos bois, ter o caldo entornado, matar dois coelhos de uma cajadada, camisa de onze varas, pôr em campo, pôr-se em campo* (trabalho do campo), etc. A segunda reflecte-se nas metáforas de hoje envolvendo sobretudo a ciência e a tecnologia: *computador, programa, programar, arquivo e memória (electrónicos), linha de rumo, teletexto, assistido por computador, linha dura, núcleo duro, casa inteligente, etc.*

E foi sempre assim: A França, Inglaterra e Europa culta estão presentes em palavras como *Luz e razão, fanatismo e preconceito, progresso e livres-pensadores, filantropos, solidariedade, sensibilidade e sentimento, ou*

no mundo da política com *patriota* e *patriotismo*, *maioria*, *minoría*, *oposição*, *radical*, *democracia*, *despotismo*, da economia com *conta-corrente*, *monopólio*, *concorrência*, *exportar* e *importar*, da alimentação com *osteleta*, *filete*, da arte e da vida quotidiana com *belas artes*, *golpe de vista*, *presença de espírito*, *sangue frio*, *activar*, *controlar*, *organizar*, *resolver*, etc.

3.2.2 As formas pelas quais o estrangeirismo ou empréstimo entra na língua são as mais diversas: ou declaradamente, com *flash*, *lobby*, *love-stories*, etc., disfarçadamente, como em *evidência*, que existe como “a qualidade do que é oportuno” e por influência do inglês *opportunity* adquire o valor de “ocasião”, “possibilidade”, “circunstância favorável”, *assumir* que se usava em combinações do género de *assumir um cargo/uma responsabilidade*, e passa também a envolver o valor do inglês *to assume* (pressupor, supor: *assumo que sou bom*), ou *realizar* que começa também a ter o valor de “compreender”(eu só realizei que íamos ganhar as eleições...), ou *investir*, que passou também a circular no mundo da economia (*investir capitais, investir dinheiro, investir na bolsa*), etc.

Depois há empréstimos necessários – há factos ou objectos novos e necessitamos de palavras novas –, como *café* (turco), *zero* (árabe), *transistor*, etc., ou empréstimos de luxo, como *leader/líder* (chefe, chefiar), *flirt* (breve relação amorosa), *baby-sitter* (ama seca), *boom* (período de grande desenvolvimento), *sexy* (sexualmente perturbante), *show* (espetáculo de variedades), *sponsor* (financiador), etc.

Por outro lado, ou o português recebe a forma originária (*leader*, *leasing*, *bar*, *equipe*), ou adapta fónica e graficamente (*engajar*, *líder*, *liderar*), ou decalca semanticamente (uma palavra do português adquire um novo significado: *investir*) ou decalca traduzindo (*sky-scraper* = *arranha céus*, *Klassenkampf* = *luta de classes*), etc.).

O caso particular do que designamos por “decalque” merece alguma reflexão: há decalques homonímicos (*aculturação*: *acculturation*, *automação*: *automation*, *cibernética*: *cybernetics*, *contactar*: *contact*, *impacto*: *impact*), decalques que são tradução literal (*autoconsciência*: *self-consciousness*, *arranha-céus*: *sky-scraper*, *cimeira*: *summit*, *fim de semana*: *week end*, *ama seca*: *babby-sitter*, etc.), tradução empobrecedora (*jeep*: *carrinha*, *sponsor*: *patrocinador*, *sponsorização*;

sponsoring e *sponsorizar*, *marketing*: *comercialização* e *publicitação*, *timing*: *calendarização*, *bar*, *café*, etc.), ou há decalques que são simples aportuguesamento dos empréstimos (*driblar* e *drible*, *filme* e *filmar*, *desporto*, *detective*, *líder* - *liderar* e *liderização*, *tosta*, *bife*, *sande* (*sandwich*), *transistor*, *computador*, *gincana* (= *gymkana*), *contentor* (*container*), *mesa redonda*), etc.

3.2.3 No nosso tempo, as coisas mudaram quase por completo. A passagem de uma economia agrícola para uma economia industrial (urbanização, expansão económica), tecnologia (comunicação de massas) levou ao predomínio do consumismo, da tecnologia e publicidade. Tomemos a informática como modelo do económico e do científico, a necessidade de comércio e troca, a imposição da standardização de produtos, enfim, a globalização (aldeia global) da vida das sociedades, e por outro lado, as palavras curtas e facilmente memorizáveis do inglês levaram à inundação dos galicismos e americanismos.

Há termos em que há uma tradução impossível, como em *bit* (= *bi* [nary] [digit] t: “número binário”), como se vê, palavra breve e precisa), *byte* (= grupo de posições binárias), ou há traduções possíveis, mas empobrecedoras, como em *hardware* (ferramenta), *software* (programa); há em seguida decalques ou empréstimos semânticos – palavras com valor novo – como *simulador*, *simular*, *navegar*, *ratinho*, *analizador* (= *analyser*), *micro-processador*, *listar* (= *list*), *processar* (= *to process*) vs *processar alguém* (termo jurídico), etc.

A importância deste domínio provocou mesmo o aparecimento de novas disciplinas e áreas. Assim, temos, além de

informática: conjunto de metodologias e tecnologias que se ocupam da representação de objectos, fenómenos e processos, mediante dados (numéricos, alfabéticos, ou símbolos em geral) e de operações com esses dados,

automática: conjunto de metodologias e de tecnologias que se ocupam de processos de automação,

telemática: aplicação da informática às telecomunicações,

robótica [buro(crático) + (informática)]: aplicação da automação aos serviços ou a disciplina que tem como objecto as tecnologias de projecção, construção e emprego dos robôs,
monética: aplicação da automação às operações bancárias.

3.2.4 Palavras-chave e sinais do século XX

Poderemos, por meio do que se costuma chamar como *palavras-chave* mostrar os mitos, as crenças e hipnose, os esquemas mentais, os receios e temores do nosso tempo. São as palavras que apontam, em grande parte, para *uma nova ordem de palavras, para uma nova ordem mundial*. E essas palavras contemplam a vida das sociedades individualmente consideradas ou a nível planetário, eis palavras que podem representar a "chave" do nosso tempo:

concertação social

crise (e os adjectivos situam os domínios respectivos),

assédio sexual

declaração de falência

diplomacia preventiva ("vale mais prevenir do que remediar": ideia de saída da Administração CLINTON e que consiste em resolver as crises antes de elas explodirem, através de pressões comerciais, etc. = "arte de prevenir"),

direito de ingerência (deriva da possibilidade de "*peace enforcement*". Quando o estado desaparece, quando a sociedade civil está num caos, a humanidade (=ONU) intromete-se substituindo-se ao governo. Os direitos humanitários são mais fortes do que a soberania (= CRUZ VERMELHA). Somália?),

globalização (qualquer problema para o ser tem de ser global: a economia globalizou-se, o ambiente globalizou-se, a migração globalizou-se,...),

multilateralismo (palavrão atribuído a Butros Ghali): consiste em pôr os países a colaborar concertadamente para o bem comum com programas a médio/longo prazo ou cooperação voluntária entre as nações para a paz e o desenvolvimento,

mundo multipolar: palavra criada em Pequim e pretende configurar um mundo já não *bipolar* (na divisão América/Rússia), mas multipolar, caracterizado por centro de interesses regionais,

nova ordem mundial: envolve os direitos humanos, a democracia, a economia de mercado,

peacekeeping [= manter a paz], *peacemaking* [= fazer a paz], *peace enforcement* [= obrigar à paz], *trusteeship* [= curadoria: ficar num determinado país e governá-lo por incapacidade de os naturais serem capazes de o fazerem: os Estados são todos iguais, mas uns são mais iguais do que outros),

mass-media e *níveis de audiência*,

experiência e *imagens televisivas*,

yuppie,

talk-shows,

reality-shows,

sketches (teatralização duma situação),

sitcoms (situação cómica, comédia de situação),

partenaire,

guionista,

etc.

Dentro do mesmo tema – palavras-chaves – e línguas cujo prestígio comandam os "internacionalismos", são indubitavelmente

os seguintes termos que estão no centro dos nossos textos e, de acordo com as línguas:

Inglês Norte-americano:

best-seller, (blue-) jeans, bluff, boom, bulldozer, (auto)bus, camping, check-up, cocktail, computer, container, dancing, derby, detective, ferry-boat, film, flash, flipper, flirt, folklore, gin, golf, handicap, hangar, happening, hobby, jazz, jeep, jet, killer, leader, manager, leasing, mariner e marina, mass media, miss, motel, play-boy, pullman, pullover, radar, rally, record, relax, reporter, round, sandwich, sexy, show, sketch, slip, slogan, smog, smoking, sponsor, sprint, stop, suspense, test, toast, tram (way), transistor, western, whisky, etc.

Francesismos recentes:

grupúsculo (Maio de 68), *pluralismo, qualidade de vida, terceiro mundo e terceiro mundista, crescimento zero, permissivismo* (laxismo), *recessão e relance* (da economia vs *relance de olhos*), *quadro* (= cadre: dirigente que desempenha missões de chefia, direcção, organização ou controle), *terciário e terciarização, reciclagem, cabaz de compras* (= corbeille: conjunto dos produtos de grande consumo e de serviço com base nos quais vem calculado o índice de custo de vida).

4. CONCLUSÃO

O nosso vocabulário fundamental e básico e as estruturas que a ele subjazem continuam a ter a sua matriz no latim. Mas o uso de palavras inglesas no domínio das finanças não é estranho ao facto de a maior parte dos centros financeiros se encontrarem em países anglófonos; no domínio da tecnologia, da ciência, do cinema, é um país de língua

inglesa que domina; no domínio da filosofia, da culinária, da música, são os países, como a Alemanha, a França ou a Itália. Podemos mesmo medir a quantidade de palavras que ocorrem nos nossos jornais ou periódicos. No jornal *O Público*, um dos jornais de maior circulação em Portugal, entre 1 de março de 1993 e 1 de março de 1994, as palavras estrangeiras mais frequentes são *top* (796 ocorrências), *holding* (741), *dossier* e *marketing* (618), *overnight* (550), *performance* e *show* (516), *software* (372), *multimedia* (148), *bestseller* e *leasing* (138), *tournee* (131), *stock* (120), *pivot* (109) e *know-how* (102) e muitas outras que não atingem as 100 ocorrências.²

Será preocupante o número de estrangeirismos que nos inunda o português? A defesa da língua não passará pela defesa da criação de mais objectos, de mais conceitos, de mais idéias fabricadas nos países lusófonos? A defesa da língua deverá passar pela defesa da cultura, da investigação, da inovação, do desenvolvimento, da criação filosófica e artística, pela produção de mais riqueza. O proteccionismo não levará muito longe se não tivermos em mente que a língua é sempre suporte de alguma coisa. Quando se importa um objecto, importa-se também a palavra que o designa. A língua morrerá se os seus falantes morrerem pelo amor absurdo dela própria ou de si próprios. Que "sejam mais a nozes do que as vozes": deixemos os "velhos do restelo" falar e façamos da língua o veículo do nosso querer e ser. A "falar é que a gente se entende": não deixemos nunca de falar a nossa língua e de a ensinar. O resto "é conversa".

Na língua, como no comércio, tudo passa pela competitividade: apenas os produtos atraentes serão competitivos. A nossa literatura não é pobre: pobre será a nossa língua se não a descrevermos e estudarmos devidamente.

2 Cf. "Cavalos de Tróia lingüísticos?". In *O público*, 94.03.24.

ABSTRACT: In this work, an overview of the Portuguese lexis is presented from the perspective of different questions concerning lexical analysis: the relation between lexis and grammar; varieties of the Portuguese lexis (common language, technical languages, neologisms); the composition of the Portuguese lexis (Latin background, borrowings from Latin and Greek, borrowings from other languages).

Keywords: lexis, Portuguese language, word formation, borrowings.